

INDOMADA

The House of Night

Livro

4



1

O crá! crá! crá! de uma gralha idiota não me deixou dormir a noite inteira. (Bem, para ser mais precisa, o dia inteiro — é que, sabe, sou uma vampira novata e tem toda aquela história de trocar o dia pela noite.) Enfim, não preguei o olho na noite/dia passado. Mas, no momento, essa titica de noite em claro é a coisa mais fácil de encarar, porque a vida é um inferno quando a gente está de mal com os amigos. Eu que sei. Eu sou Zoey Redbird, atualmente a incontestável Rainha da República dos Amigos “P” da Vida.

Persephone, a enorme égua cor de canela que eu consideraria minha enquanto morasse na Morada da Noite, virou a cabeça e esfregou o focinho no meu rosto. Beije seu focinho macio e voltei a esfregar seu pescoço. Escovar Persephone era algo que sempre me ajudava a pensar e a me sentir melhor. E eu com certeza precisava das duas coisas.

— Tudo bem, eu consegui evitar o Grande Confronto por dois dias, mas não dá mais para continuar assim — eu disse à égua. — Sim, eu sei que eles estão no refeitório agora, jantando juntos, super-amiguinhos e me deixando totalmente de fora.

Persephone resfolegou e voltou a mastigar feno.

— É, eu sei que eles também estão sendo uns babacas. Claro que eu realmente menti para eles, mas foi basicamente por omissão. Tudo bem que eu os deixei de fora de alguns assuntos. Mas foi basicamente pensando no bem deles mesmos. — Eu suspirei. Bom, foi para o bem deles que eu não disse que Stevie Rae tinha virado morta-viva. Minha história com Loren Blake — Poeta Vamp Laureado e professor da Morada da Noite — bem, isto foi mais pen-

sando em mim mesma. Mas mesmo assim. — Persephone levantou a orelha para me ouvir. — Eles estão me julgando demais.

Persephone resfolegou de novo. Eu suspirei de novo. Titica. Eu não aguentava mais ficar evitando o pessoal.

Depois de dar mais uns tapinhas no lombo da doce égua, fui saindo lentamente da baía em direção à sala de equipamentos e guardei as escovas que usei nela por uma hora. Respirei fundo o cheiro de couro e de cavalo para que aquela mistura relaxante me acalmasse os nervos. Ao ver meu reflexo no vidro da janela da sala de equipamentos, automaticamente passei os dedos pelos meus cabelos castanho-escuros, tentando deixá-los menos desgrenhados. Eu havia sido Marcada como vampira novata e me mudado para a Morada da Noite fazia pouco mais de dois meses, mas já dava para perceber que meus cabelos estavam mais grossos e mais compridos. E ganhar cabelos maravilhosos foi apenas uma das muitas mudanças que me aconteceram. Algumas destas mudanças foram invisíveis — como o fato de eu ter afinidade com todos os cinco elementos. Algumas destas mudanças eram bem visíveis — como as peculiares tatuagens que me emolduravam o rosto com curvas intrincadas e exóticas sendo que, diferente de qualquer vampiro novato ou adulto, o desenho em tom de safira se espalhava pelo pescoço e ombros abaixo, alcançando a espinha e, mais recentemente, a cintura, uma pequena novidade que só eu, minha gata Nala e nossa deusa Nyx sabíamos. Como se eu tivesse mais alguém para mostrar.

— Bem, até ontem você tinha não apenas um, mas três namorados — eu disse, olhando para minha imagem no vidro com olhos pesados e um meio-sorriso cético. — Mas você deu um jeito nisto, não deu? Agora você não tem namorado nenhum, só que ninguém vai voltar a confiar em você de novo por pelo menos, sei lá, alguns zilhões de anos. — Tirando Aphrodite, que surtou geral e caiu fora dois dias atrás, achando que de repente virou humana outra vez, e Stevie Rae, que foi atrás da surtada Aphrodite por se sentir culpada pela transformação de novata a humana quando eu tracei um círculo, o que a transformou de morta-viva sinistra em vampira esquisita de tatuagem vermelha, mas ao menos ela voltara a ser a Stevie Rae de antes. — Seja como for — eu disse em voz alta — você conseguiu ferrar com todo mundo que entrou em sua vida. Bom trabalho!

Meu lábio começou a tremer e eu senti as pontadas das lágrimas se formando nos olhos. Não. Ficar de olhos vermelhos não ia ajudar em nada. Tipo, na boa, se ajudasse em alguma coisa, meus amigos e eu já

teríamos feito as pazes. O negócio era encará-los de frente e tentar dar um jeito na situação.

A noite de fim de dezembro estava fria e um pouquinho nevoenta. Ao longo da calçada entre a área da estrebaria e da arena esportiva e o edifício principal da escola, os lampiões a gás cintilavam com pequenos halos de luz amarela, dando um toque de beleza antiga ao lugar. Na verdade, o campus inteiro da Morada da Noite era belíssimo e sempre me pareceu pertencer mais a uma lenda tipo Rei Arthur do que ao século vinte e um. Eu adoro isto aqui, eu procurei lembrar. É meu lar. É o meu lugar. Vou fazer as pazes com meus amigos e então tudo vai dar certo.

Eu estava mordendo o lábio, preocupada em descobrir exatamente como eu ia fazer as pazes com meus amigos quando meu estresse mental foi interrompido por um barulho esquisito de asas batendo que tomou conta do ambiente ao meu redor. Algo naquele som me provocou um frio na espinha. Olhei para cima. Não havia nada acima de mim, a não ser o breu e o céu e os galhos secos dos enormes carvalhos que margeavam a calçada. Eu me arrepiei e me senti a um passo da morte, e a noite antes suave e nebulosa ficou soturna e malévola.

Peraí! Soturna e malévola? Ora, que bobeira! O que eu ouvi provavelmente não era nada mais sinistro do que o vento soprando por entre as árvores. Nossa, eu estava ficando pirada.

Balançando a cabeça em autocensura, continuei caminhando, mas depois de dois passos a coisa aconteceu de novo. Ouvi o barulho esquisito de asas batendo acima de mim e senti na pele um sopro de ar forte e uns cinco graus mais frio. Eu automaticamente levantei a mão, imaginando morcegos e aranhas e todo tipo de coisas nojentas.

Meus dedos encontraram um vazio, mas um vazio glacial, e uma dor gelada me cortou a mão. Completamente surtada, dei um berro e apertei minha mão junto ao peito. Por um momento eu fiquei sem saber o que fazer e meu corpo se paralisou de medo. O bater de asas ficou mais alto e o frio, mais intenso, até que eu finalmente resolvi me mexer. Abaixei a cabeça e fiz a única coisa que podia. Corri até a porta mais próxima.

Depois de correr para dentro, bati a grossa porta de madeira e, arfando, fui espiar pela janelinha em forma de arco que havia no meio da porta. A noite se mexia e boiava debaixo dos meus olhos como se uma tinta preta tivesse sido jogada sobre uma página preta. Mas eu continuava sentindo aquele medo terrível e glacial. O que estava acontecendo? Quase sem

perceber o que estava fazendo, eu sussurrei — Fogo, eu o invoco. Preciso de seu calor.

O elemento respondeu imediatamente, aquecendo o ar ao meu redor como se eu estivesse perto de uma relaxante lareira. Ainda espiando pela janelinha, apertei as palmas das mãos contra a grossa madeira da porta. — Lá para fora — eu murmurei. — Mande seu calor lá para fora também. — O elemento projetou seu calor através da porta e alcançou a noite do outro lado. Ouvi um chiado que pareceu o som de calor emanando de gelo seco. A névoa se agitou, grossa e densa, me deixando tonta e um pouquinho enjoada, e o estranho breu começou a evaporar. Então o calor dominou totalmente o frio e, tão de repente quanto começara, a noite ficou normal e tranquila de novo.

O que havia acabado de acontecer?

Minha mão dolorida desviou minha atenção da janela. Olhei para baixo. Havia manchas vermelhas nas costas da mão, como se algo com garras ou unhas tivesse me arranhado a pele. Esfreguei as marcas de aparência feroz, e minha pele doeu como se tivesse sido queimada a ferro.

Então me bateu uma sensação dura e acachapante, e fui avisada pelo sexto sentido que a Deusa me deu que não devia ficar lá sozinha. O frio que envenenara a noite — aquele não-sei-o-que fantasmagórico que me perseguiu e machucou minha mão — se transformou em mau presságio e pela primeira vez em muito tempo eu fiquei com medo de verdade, completamente aterrorizada. Não com medo por meus amigos. Nem por minha avó nem pelo meu ex-namorado humano, nem pela minha mãe desnaturada. Eu estava com medo por mim mesma. Eu não estava simplesmente querendo a companhia de meus amigos; eu precisava deles.

Ainda esfregando a mão, forcei minhas pernas a se mexerem e não me restou a menor sombra de dúvida que era melhor enfrentar a mágoa e a decepção dos meus amigos do que aquele troço escuro que me esperava em algum ponto escondido da noite.

Eu vacilei por um segundo e fiquei em frente à porta aberta da agitada “sala de jantar” (também conhecida como refeitório da escola) observando os outros garotos conversando à vontade e felizes uns com os outros e quase me deixei abater pelo súbito desejo de ser apenas uma novata como qualquer outra e não ter nenhuma habilidade extraordinária e nem as responsabilidades que vêm junto com estas habilidades. Por um segundo eu quis tanto ser normal que tive dificuldade de respirar.

Então senti em minha pele um vento suave que parecia aquecido por uma chama invisível. Senti o cheiro do oceano, apesar de não haver nem sombra de oceano perto de Tulsa, Oklahoma. Ouvi o canto dos pássaros e senti cheiro de grama recém-cortada. E meu espírito vibrou em silenciosa alegria ao reconhecer os poderosos dons concedidos pela Deusa, dons de afinidade com todos os cinco elementos: ar, fogo, água, terra e espírito.

Eu não era normal. Eu era diferente de todos os novatos e todos os vampiros, e não era certo de minha parte desejar ser diferente. E parte de minha não-normalidade me dizia que eu tinha que ir até lá e tentar fazer as pazes com meus amigos. Empinei as costas e olhei ao redor do recinto com olhos livres de autopiedade e encontrei sem dificuldade meu grupo especial sentado no lugar de sempre.

Respirei fundo e atravessei o refeitório rapidamente, acenando ou sorrindo brevemente para o pessoal que me disse oi. Percebi que todos continuavam me cumprimentando com a mesma mistura de respeito e reverência de sempre, o que significava que meus amigos não andaram falando mal de mim para todo mundo. Também significava que Neferet ainda não havia declarado guerra contra mim. Ainda.

Peguei uma saladinha e um refrigerante de cola. Então, agarrando minha bandeja com tanta força que estava ficando com os dedos brancos, fui direto para nossa mesa e me sentei ao lado de Damien como antigamente.

Ninguém olhou para mim, mas a conversa espontânea morreu no mesmo instante, coisa que eu odiava demais. Tipo, o que pode ser mais horrível do que se aproximar de um grupo de supostos amigos e a conversa morrer de um jeito que não deixa dúvida que eles estavam falando de você? Eca.

— Oi — eu disse ao invés de sair correndo ou cair no choro como me deu vontade. Ninguém disse nada.

— Então, quais as novas? — eu perguntei a Damien, ciente que meu amigo gay era naturalmente o ponto mais frágil da corrente do “dar-um-gelona-Zoey”.

Infelizmente foram as Gêmeas quem me responderam e não Damien, que era gay, e, portanto mais sensível e educado.

— Merda nenhuma, não é, Gêmea? — Shaanee disse.

— Isso aí, Gêmea, merda nenhuma. Porque a gente não pode ficar sabendo de merda nenhuma — Erin disse. — Gêmea, sabia que somos totalmente não-confiáveis?

— Só fiquei sabendo recentemente, Gêmea. E você? — Shaanee perguntou.

— Também só fiquei sabendo recentemente — Erin completou.

Tudo bem, as Gêmeas não são gêmeas de verdade. Shaunee Cole é uma americana de origem jamaicana e pele cor de caramelo que fora criada na Costa Leste. Erin Bates é uma linda loura nascida em Tulsa. As duas se conheceram depois de Marcadas, quando se mudaram no mesmo dia para a Morada da Noite. Elas se identificaram no mesmo instante — como se genética e geografia jamais tivessem existido. Elas literalmente terminam as frases uma da outra. E naquele momento estava me encarando com seus olhares gêmeos de desconfiança.

Deus, aquelas duas me cansavam.

E também me irritavam. Não, eu não compartilhei meus segredos com delas. Sim, eu menti para elas. Mas tive de fazer isto. Bem, no geral, eu tive que fazer. E aquela hipocrisia gêmea estava me dando nos nervos.

— Obrigada pelo adorável comentário. E agora vou tentar perguntar a alguém que não precisa responder em uma versão estéreo da insuportável Blair de Gossip Girl. — Virei a cabeça e olhei diretamente para Damien, apesar de ouvir as Gêmeas bufando, prontas para dizer algo de que eu esperava que elas se arrependessem um dia. — Bem, o que eu realmente queria saber quando perguntei quais eram as novas é se vocês repararam em algo assustador, fantasmagórico, algum troço esquisito esvoaçante ultimamente. Repararam?

Damien é um cara alto e muito bonitinho, dono de excelente estrutura óssea e de olhos castanhos que costumavam ser calorosos e expressivos, mas que naquele momento estavam desconfiados e bem frios. — Um fantasma esvoaçante? — ele perguntou. — Desculpe, mas não faço ideia do que você está falando.

Senti um aperto no coração ao ouvir o tom estranho que ele usava para falar comigo, mas procurei me concentrar no fato de ele pelo menos ter me respondido. — Quando eu estava saindo da estrebaria, algo meio que me atacou. Eu não consegui ver nada, mas era um troço frio que me deixou a maior mancha na mão. — Levantei a mão para mostrar e a mancha não estava mais lá.

Que ótimo.

Shaunee e Erin bufaram ao mesmo tempo. Damien só fez uma cara muito, muito triste. Eu estava abrindo a boca para explicar que havia uma mancha minutos antes quando Jack veio correndo.

— Ah, oi! Desculpe pelo atraso, mas quando estava vestindo a camisa descobri uma mancha paquidérmica na frente. Dá para acreditar nisto? — Jack disse enquanto corria com sua bandeja de comida para se sentar ao lado de Damien.

— Uma mancha? Não é naquela camisa Armani linda, azul de mangas compridas, que te dei de Natal, foi? — Damien perguntou, abrindo espaço para o namorado se sentar.

— Aimeudeus, não! Jamais derramaria nada nela. Adoro aquela camisa e... — Suas palavras morreram quando ele olhou para mim. Ele engoliu em seco. — Ah, ahn. Oi, Zoey.

— Oi, Jack — eu disse, sorrindo para ele. Jack e Damien estão juntos. Hello. Eles são gays. Meus amigos e eu, como qualquer pessoa que não seja bitolada nem moralista, não temos problema nenhum com isso.

— Eu não esperava te ver — Jack balbuciou. — Achei que você ainda estivesse... ahn... bem... — Ele não conseguiu formular a frase, parecia desconfortável e estava ficando vermelho.

— Você achou que eu ainda estava me escondendo no meu quarto? — eu completei para ele.

Ele fez que sim.

— Não. — Eu falei com firmeza. — Cansei disso.

— Nossa, que meda — Erin começou, mas antes que Shaunee pudesse começar com o deboche de sempre, uma risada primitivamente sensual veio da porta atrás de nós, que nos viramos para olhar e ficamos de queixo caído.

Aphrodite entrou no recinto, rindo e piscando os olhos para Darius, um dos mais jovens e mais gostosos guerreiros Filhos de Erebus que protegiam a Morada da Noite, e jogou os cabelos para trás em um gesto gracioso. Aquela garota sempre tinha sido do tipo multitarefa, mas fiquei passada de ver a cara dela, que estava normal, controlada e totalmente tranquila. Apenas dois dias atrás ela estava quase morta e depois ficou totalmente surtada ao ver que desaparecera de sua testa o desenho de lua crescente cor de safira que todos os novatos tinham e que significava que haviam sido Marcados para começar a Transformação através da qual virariam vampiros ou morreriam.

O que significava que ela havia, de alguma maneira, se transformado em humana novamente.